

ESCUTAR A CIDADE, 18 de junho

Texto inicial

“balanço” da iniciativa e introdução ao tema da sessão

Chegamos hoje ao fim do ciclo das seis sessões do Escutar a Cidade. Hoje também, é notícia a divulgação da Encíclica do Papa Francisco sobre o meio ambiente, um documento que cumpre a missão profética da Igreja, pela lucidez e acutilância da denúncia e pela clareza da proposta evangélica de cuidado pela Terra e pelos mais pobres.

Promovida por mais de 30 movimentos e paróquias da diocese de Lisboa, Escutar a Cidade foi uma iniciativa que, de alguma maneira, teve em vista fortalecer-nos na assunção dessa atitude profética, de denúncia e de anúncio. Escutámos 22 oradores (incluo já neste número os quatro desta sessão) e escutámos outras linguagens (poéticas todas elas): musicais, cinematográficas e performativas (hoje temos teatro e dança!). Foram sons e imagens que nos convocaram a partir da transcendência que caracteriza qualquer expressão artística enquanto abertura ao futuro e ao novo.

“Em Igreja, a verdade [sobretudo no pluralismo do espaço urbano] é um caminho aberto a percorrer com todos os homens e mulheres de boa vontade” (D. José Traquina). Por isso, partindo da convicção de que ela precisa de interlocutores sem pertença eclesial, convidámos pessoas que vivem no mesmo tecido social a enunciar uma reflexão pertinente sobre aspetos decisivos da sociedade, da economia, da cultura e dos modos de vida que marcam o território da diocese de Lisboa. Pretendíamos que essa reflexão interpelasse cada um e cada uma de nós (e, desse modo, a Igreja diocesana que somos), neste tempo de preparação sinodal, oportuno, por isso, para redefinir caminhos e estabelecer prioridades pastorais.

Antes de mais em jeito de balanço, consideramos que este exercício de escuta foi, por si só, um acontecimento.

Uma das dimensões que queremos destacar é a do acolhimento. E a direção do acolhimento que aqui sublinhamos é aquela que faz de cada uma e cada um de nós nesta assembleia os acolhidos. A adesão ao nosso convite por parte dos oradores, a forma solícita como lhe corresponderam, revestiu-se de uma generosidade muito tocante, às vezes inesperada. Falando de generosidade, não nos referimos apenas àquela que foi exigida pela deslocação até ao Fórum e pelo tempo que implicou despende; referimo-nos sobretudo ao teor do que aqui foi partilhado e à forma pessoal, e por vezes profunda e íntima, que assumiu. Assim,

- foram-nos propostas leituras da realidade;
- foram-nos contadas histórias;
- foram partilhadas a insatisfação mas também a sua fecundidade, isto é, a esperança;

- finalmente, ora de forma explícita, ora de forma implícita, foram lançados desafios, interpelações que, em muitos casos, iam ao encontro dos nossos anseios e, nesse sentido, tornaram estes momentos muito mais dialogais do que aquilo que, pela sua forma, seria de esperar.

Outra dimensão deste acontecimento é, por conseguinte, a das ideias que escutámos e que guardamos. Sem a pretensão de fazer uma síntese, recordamos algumas, que são, por si só, interpelações, enunciadas como “urgência”, como “necessidade”, ou como algo “de importância central”:

- a urgência de um acolhimento das comunidades cristãs que não deixe amigos na rua, que cuide dos mais velhos e dos jovens e dedique uma atenção prioritária aos mais pobres e vulneráveis;
- a necessidade (a urgência, reformulo neste dia) de uma reflexão sobre o que, enquanto cristãos, queremos da Europa;
- a necessidade de se repensar a ideia de justiça como essencial à construção da democracia;
- a importância do trabalho social em rede, para apoiar mais pessoas de forma mais eficaz;
- a necessidade de uma reflexão sobre a vida social e urbana que dê mais tempo e mais espaço às pessoas e à sua dignidade;
- a centralidade da Bíblia como referência cultural, testemunha da relevância da narratividade no tecido da história da humanidade e a centralidade da Bíblia na vida dos crentes e das comunidades como história narrada da relação vital de mulheres e homens com Deus;
- a importância de uma visão sobre o refazer constante e criativo da história, alicerçada na convicção de que não existem irreduzíveis, vias ou soluções inevitáveis ou incontornáveis, determinismos de natureza económica, política ou social;
- a importância do potencial de tolerância e da capacidade dinamizadora dos crentes;
- a importância da relação litúrgica com as diferentes expressões artísticas e a importância de "habitarmos as casas de cultura";
- a atenção necessária ao trabalho dos criadores contemporâneos, perscrutadores sensíveis da inquietude que partilhamos;
- a importância de se "escutar o bem que já se faz na cidade".

E, finalmente (se bem que ainda sem pretensão de exaustividade), escutámos (ou sobretudo entre-escutámos) uma outra ideia que nos provoca, ideia de uma outra natureza mas a perpassar muitas das intervenções: ouvimos falar da fronteira que existe entre o ser-se crente e o ser-se não crente, da espessura de uma fronteira que não é um limiar mas que é um lugar de trânsito, muitas vezes um “ainda não” ou um “não sei se já”.

Este exercício fez-nos bem. É mesmo de admitir que, neste momento, a nossa capacidade de escuta esteja mais aguçada; que já escutemos mais e melhor. Mas também sabemos que a verdadeira escuta acontece no nosso encontro com o que escutamos - de forma reflexiva, portanto e, de preferência, vertida para a ação. Talvez por isso, depois destas seis sessões, faz sentido que, além de uma síntese, enunciemos esse nosso encontro com o escutado sob a forma de desafios ou prioridades para a Igreja diocesana. Para tal,

iremos propor aos mais de 30 movimentos promotores um método de elaboração de um documento que, posteriormente, faremos chegar ao secretariado do Sínodo.

Outras formas de dar continuidade a este processo? Caberá a quem dele participou, a todos nós que, como escreveu Dostoievski, “somos responsáveis por tudo diante de todos”.

Retomámos, nesta que é a última sessão do Escutar a Cidade, um excerto de “*Jesus blood never failed me yet*”, um “exercício de orquestração, que Gavin Bryars nos propõe a partir de “um canto que vem da rua” - nas palavras de Alfredo Teixeira na introdução a este tema, um canto “mantido na sua crueza, transportando o seu ruído”. Este foi, como os que então estiveram se lembrarão, “o lugar de convocação” proposto na primeira sessão, em Janeiro. Retomámo-lo, pois, para sublinhar a centralidade de todas as vozes que nos vêm da rua e que são (que sejam!) convocação permanente ao nosso ser Igreja.

Passando agora ao tema desta sessão - Linguagens, Espiritualidades, Sexualidades e Convicções - certamente que alguns estranharão o plural em que se encontra enunciado. Subjaz a esta opção uma consciência da pluralidade em que nos movemos, do tráfico de auto e hétero representações em que participamos e que é, hoje, incontornável e um desafio à nossa compreensão e à presença da Igreja na cidade.

Num tempo em que a lei do mercado impera, em que tudo é convertível em produto a consumir, a mercantilização da diversidade é um dos riscos em que incorremos, podendo conseqüentemente assumir a forma de um relativismo que, no limite, se confunde com a indiferença ao outro. Na verdade, a diversidade pode diluir a atenção. O corpo sobrecitado pelos estímulos, é um corpo não atento, não espiritual. Mas a diversidade também pode ser tráfico do dom e desencadear, por isso, a arte do desprendimento, uma atenção ao que fica a ressoar daquilo que se recebe e daquilo que se dá, isto é, um silêncio.

Assim, quando falamos de linguagens, espiritualidades, sexualidades e convicções, se, por um lado, perguntamos Como nos expressamos? Que palavras, que corpo e que gestos nos dizem?, por outro lado, temos que perguntar Que silêncios nos habitam? Que silêncios habitam cada mulher e cada homem da nossa cidade, silêncios que dissolvem as fronteiras entre linguagens, superam a distinção entre o externo e o interno, entre o material e o imaterial, entre o que é visto e o que não se vê?

O evangelho da liturgia deste dia é o relato que Mateus (6,7-15) propõe do episódio em que Jesus ensina os discípulos a rezar. “Orai assim” – diz Jesus – e enuncia o “Pai Nosso” com um conjunto de vocativos, palavras que são a verbalização do desejo do outro em nós. Deus, como interlocutor deste desejo, é, deste modo, disponibilidade total, silêncio ardente que nos habita. Se assim é, se Deus é a total disponibilidade que o nosso desejo convoca, como não existir e dizer-nos plurais neste tráfico do dom de sermos / de irmos sendo?

Helena Topa Valentim